



DA PENA ÀS TECLAS: OS NOVOS ESPAÇOS DE LEITURA DO PÚBLICO *TEEN*¹

Epaminondas de Matos Magalhaes²

Caio Donizetti Queiroz Alves³

RESUMO: Neste artigo, propõe-se discutir os novos suportes de leitura, com os quais o público adolescente lida, em especial, os ligados à internet. Como afirma Roger Chartier (2002), os suportes mudaram, contudo a leitura não deixou de existir. O objetivo é desmitificar a afirmação de que o adolescente não é leitor, visto que, quando se discute leitura, nesse prisma, pensa-se, apenas, na leitura literária, sem considerar que a leitura vai muito além dos gêneros literários. Como diria Paulo Freire, a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Ou seja, o público *teen* lê, mas não os gêneros e modalidades para os quais o professor e a família foram educados, como leitores; aportam em outros mares, ainda nunca dantes navegados.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Leitor. Internet

ABSTRACT: In this article we set out to discuss the new readout holders, for which the teenage audience is inserted, in particular linked to the internet. As stated in Roger Chartier(2002), the brackets have changed, but the reading still exists. Our goal is to demystify the teen reader is not, as when discussing reading it that way, it is thought, only to literary reading, however, we must consider that reading goes beyond the literary text only. How would the Paulo Freire, reading writing precedes reading world. Ie, the teen audience reads, but not genders and arrangements for which the teacher and the children were educated as readers, seas never navigated

KEYWORDS: Reading. Reader. Internet

¹Optamos pelo termo em Língua Inglesa *Teen* para nos aproximarmos mais da linguagem do público adolescente.

² Mestre em estudos de linguagem, pela universidade federal de mato grosso. Professor do Instituto Federal de Mato Grosso- campus de Pontes e Lacerda. Email: epa.magalhaes@hotmail.com

³ Técnico em manutenção e suporte em informática, pelo IFMT- Pontes de Lacerda, graduando em ciências da computação pela Universidade Federal de Uberlândia. Email: caiodonizetti@hotmail.com



PEN TO THE KEYS: THE NEW PUBLIC SPACES FOR READING TEEN

A leitura nos permite viagens por “ilhas desconhecidas”, como nos diria José Saramago e nos embrenharmos “por mares nunca dantes navegados”, nos versos do poeta Luiz Vaz de Camões. Essas “viagens e esses mares”, sempre serão muitos e também únicos, pois a leitura nos desperta um sentimento *narniano*⁴, de ir além das nossas próprias fronteiras, ultrapassar a porta do guarda-roupa, mas nunca fechá-la completamente, assim como fazem os irmãos Suzana, Edmundo, Pedro e Lúcia, ao iniciarem sua aventura mítica por Nárnia. Isso nos leva a pensar que nunca terminamos de ler, nunca fechamos uma leitura completamente.

Os versos do poeta Manoel de Barros: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo” (1996, p. 75) traduzem bem o efeito da leitura: é preciso de imaginação para que possamos mudar o quadro da leitura no Brasil e ela será uma das fortes aliadas, para que possamos transver o mundo, ou, de outra forma, realmente reconhecê-lo como mundo, vê-lo, e aqui entendemos, lê-lo.

Os problemas da leitura, na escola, historicamente constituídos, vêm ocasionando inúmeras consequências: baixo rendimento escolar, índices inexpressivos nas avaliações ministeriais, a descrença na leitura, entre outras. Somos sabedores de que a leitura na escola passa por uma crise. Apontá-las não é novidade. Assim, intentamos neste texto verificar em que medida a tão temida internet e os jogos digitais, ao invés de diminuir a leitura dos alunos, podem muito contribuir para a formação leitora.

O universo da leitura exige uma chave, é preciso tê-la e mais do que isso, é preciso saber usá-la e isso exige muito dos promotores da leitura, portanto, não basta dizer que o aluno não lê porque hoje ele está preso à televisão, ao videogame ou ao computador; é preciso transver, para ver o que realmente ocorre no interior desse discurso. O aluno deixa de ler as indicações dos professores na escola, porque essa leitura não lhe faz sentido. Marisa Lajolo afirma: “Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer das nossas aulas”. (LAJOLO, 1982, p.15). Muitos livros dados aos alunos apresentam

⁴ Retomamos aqui a obra *Crônicas de Nárnia*, para discutir que Nárnia é um lugar ímpar, repleto de aventuras.



uma linguagem arcaica e prolixa; além disso, apresentam personagens cronologicamente distantes do seu tempo; temas e assuntos que não são atrativos.

No entanto, o grande problema da escola é a concepção reducionista de leitura com a qual trabalha, pois como afirma Cagliari (1994, p. 25), “[...] o objetivo fundamental da escola é desenvolver a leitura para que o aluno se saia bem em todas as disciplinas, pois se ele for um bom leitor, a escola cumpriu em grande parte a sua tarefa”. A leitura precisa ir além, precisa provocar o desejo de *Nárnia*, de busca e de descoberta, aquela curiosidade que vai além do simples ato de decodificar para cumprir a parte burocrática de se sair bem nas demais disciplinas do currículo.

A leitura precisa ser provocadora e questionadora, precisa deslocar o leitor de seu lugar. Foucambert (1994, p. 43) afirma que “[...] ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo. Significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita”. Ou seja, ler é uma forma de dar sentido ao mundo em que vivemos, é uma forma de nos compreendermos nas mediações com esse mundo, de encarar nossos medos, angústias e desejos.

Entre as inúmeras práticas escolares ligadas à leitura, a que mais se contrapõe ao gosto dos alunos está relacionada à sacralização da leitura e das obras selecionadas. Nesse sentido, a seleção de autores e obras volta-se única e exclusivamente para textos legitimados. Não queremos, neste trabalho, dizer que se devem excluir os cânones das leituras propostas e, aqui entendemos proposições e não as imposições feitas pelos currículos oficiais, mas que, aliadas às obras canônicas, seja possibilitada ao aluno a leitura de textos contemporâneos que sejam mais afins de seus gostos literários.

Quando nos reportamos, especificamente, ao espaço da escola, no que tange à formação de leitores, fazemos porque “[...] a escola, pelo menos nas últimas décadas e para grande parte da população brasileira, tem-se constituído na principal via de acesso à leitura e à escrita (...)”. Galvão (2003, p. 150 apud CECCANTINI, 2009, p. 212). Isso pressupõe pensarmos que a escola é uma das grandes portas de entrada do sujeito para a leitura, o que exige dela e dos envolvidos um trabalho cada vez mais apurado.

O professor, dentro desse processo, constitui-se como o guardador das chaves desse guarda-roupa que permite ao aluno ir além de suas próprias fronteiras; assim, seu papel na formação de leitores é de suma importância e, portanto, precisa ter definida claramente, *a priori*,



sua concepção de leitura, para depois traçar métodos para a sua promoção. Ainda ressalta Martins que a:

[...] função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, **antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura**, isto é, sobre o sentido que ele dá (...). (grifos nossos) (MARTINS, 1999, p. 34)

No concernente à afirmação de Martins (1999), podemos depreender que o papel da escola e do professor é serem mediadores, provocando a leitura, fazendo com que se estabeleça um diálogo e fornecendo as chaves para as descobertas que o texto pode propiciar ao leitor. No texto *A função da arte*, de Eduardo Galeano, vemos que a figuração do mar pode nos remeter à leitura, como uma imensidão a ser descoberta e coube ao pai, assim como cabe ao professor, fazer a mediação, estabelecer os contatos entre o texto/mar e o leitor.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar! (GALEANO, 1989, p. 22)

Durante a formação de leitura, na escola, ao aluno são fornecidos, apenas, textos fragmentados, dispostos nos livros didáticos, de um único gênero para leitura, e, normalmente, os textos eleitos não fazem parte de seu interesse.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997(1998 e 1999) já apontavam que, dentro do processo de formação de leitores, o aluno faça suas próprias escolhas, ou seja, tenha autonomia, o que lhe propiciaria, não apenas a escolha do que ler, mas uma emancipação que o auxiliará na sua formação cidadã.

Dentro dos gostos dos alunos pela leitura, é inegável a preferência pelos ligados aos meios digitais, como espaços de leitura e de escrita, não nos reportando, especificamente, à escrita, uma vez que o foco deste artigo é a leitura, dentro desses novos espaços.



As discussões sobre a leitura dentro da rede mundial de internet vem provocando inúmeras discussões que acabam polemizando a questão, no âmbito educacional, principalmente, quando nos deparamos com um quadro dicotômico entre os docentes: os que estão e os que não estão imersos no contexto, o da internet. Isso nos leva a pensar que: o aluno nasceu na era digital e faz uso desse meio, no dia a dia e, ao entrar na escola, depara-se com um quadro em que grande parcela dos docentes, pertencentes a uma outra era, não utilizam ou não compreendem esse meio digital.

Nas duas últimas décadas, houve uma expansão significativa da internet, como meio de comunicação e, com a sua popularização, houve um grande aumento dos usuários, seja pelo baixo custo da comunicação, seja pela facilidade, agilidade e rapidez, considerando que por ela o adolescente tem acesso a uma gama enorme de textos; obras literárias e/ou textos para *download*, levando a biblioteca ao adolescente. Na leitura, via internet, e em jogos *on e off line*, o texto passa a ser lido pelo adolescente, sem as imposições das atividades gramaticais que reduzem o trabalho com o texto. Concordamos que o texto precisa ser contextualizado e que dele podem emanar os demais trabalhos, contudo não podemos reduzi-lo a atividades gramaticais. Marisa Lajolo afirma que:

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro de dois sujeitos: o que escreve e o que lê: escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igual muito solitário ato da escrita. (LAJOLO, 1982, p. 52)

Assim, o *www* (Word Wide Web) constitui-se como uma das portas e janelas possíveis para a leitura, uma vez que esta se realiza por meio dos inúmeros hipertextos existentes. O sentido de leitura é muito mais complexo do que pressupõe o simples ato de decodificar; nesse sentido, ler é reconhecer os diferentes símbolos e componentes do texto, que possam produzir sentidos. O ato de ler é um ato social, psicológico e linguístico. Kleiman (1989) ressalta que ler envolve conhecimentos prévios: a leitura de mundo, o repertório textual e suas experiências culturais, históricas e sociais. É nesse ponto que acreditamos que exista a possibilidade de afirmar que, nos espaços da internet e dos jogos, a leitura se realiza, uma vez que o adolescente tem como experiência de mundo esse contexto digital.

No meio digital, os conhecimentos prévios, de mundo e linguísticos são acionados,



portanto, não podemos deixar de supor que haja leitura nesse suporte. Até a década de 80, os computadores eram monocromáticos e apresentavam uma estrutura muito próxima à do livro impresso. A partir dessa década, eles passaram a conter *hyperlink*, sons, animações, aberturas de várias janelas etc.

Segundo Freitas,

Na tela do computador, o leitor seleciona um texto que reside numa reserva de informação possível, fazendo uma edição para si, uma montagem singular. Nesse sentido, seu ato de leitura é uma atualização das significações de um texto, já que a interpretação comporta também um elemento de criação pessoal. Enfim, o suporte virtual está permitindo novos tipos de leitura e escrita e pode-se até falar de uma leitura e escrita coletiva e até de uma autoria também coletiva. (FREITAS *apud* PAIVA, 2003, p.103)

Não podemos deixar de mencionar que a internet propicia uma multicanalidade, ou seja, existem inúmeros canais de comunicação, a fragmentação e a busca rápida de textos e a interatividade com outros sítios e canais.

Quando lida com o leitor, nos meios digitais, Slatin (1991, p.160) afirma que existem três classificações: “leitor-pesquisador”, aquele que não lê aleatoriamente, e que, para obter uma dada informação, ele abre inúmeras janelas, lendo diferentes textos, para que os sentidos possam ser emanados e, a cada nova leitura, abre novos *hiperlinks*, para sanar suas dúvidas.

A segunda categoria “leitor-utilizador”, é aquele que pesquisa algo específico, que recorre a um único sítio ou texto, utilizando da internet, apenas, comovia para resolução de suas atividades. O “leitor coautor”, aquele que infere significativamente na leitura do texto, inclusive participando como autor, a partir da escrita de comentários, entre outros, no sítio. O aparecimento da internet e dos novos suportes só prova que a leitura não vai sucumbir em meio às novas tecnologias.

Dentre as inúmeras possibilidades de leitura na internet, há que considerarmos uma das mais utilizadas atualmente: a rede social *Facebook*. O Facebook nasceu como rede universitária privada, em 2004, e passou a ser pública, em 2005, popularizando-se nos últimos 3 anos, contando, atualmente, com mais de 1 bilhão de usuários. Nossa pesquisa nasceu, justamente, da inquietação: como se processa a leitura dentro do espaço das redes sociais e dos



jogos digitais? Não estamos aqui querendo analisar a forma de escrita: o *internetês*, mas, apenas, compreender como se processa a leitura nesses espaços.

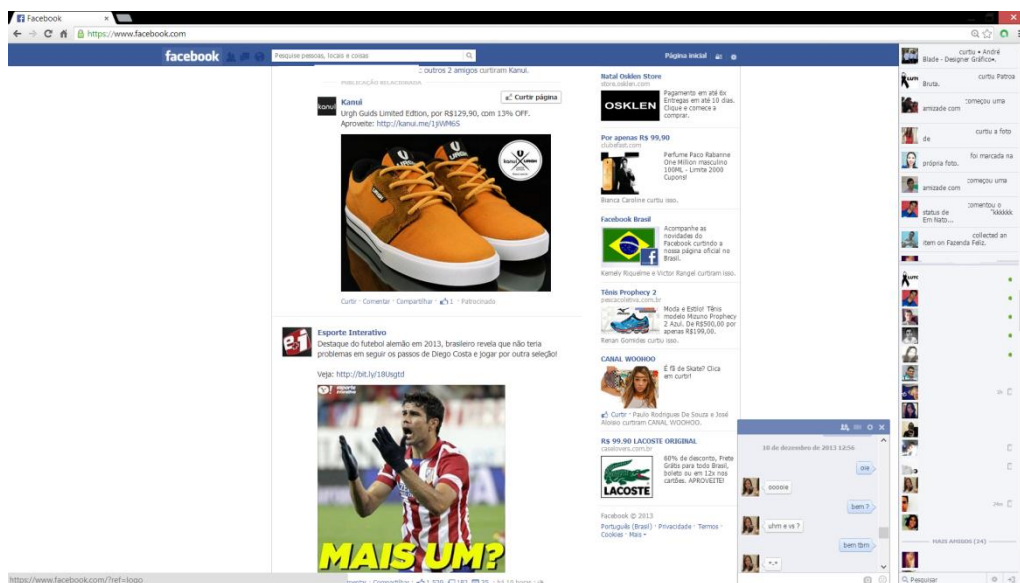
Na Figura 1- *Página do Facebook*, encontramos inúmeras possibilidades de leitura e de escrita; o usuário, detentor da conta, pode: publicar, ler, enviar links, ler imagens, compartilhar fotos e vídeos, e, para cada ação feita, é mobilizada sua competência leitora. Quando o usuário utiliza o bate-papo do Facebook, para que ele responda às mensagens instantâneas enviadas, faz-se necessário que ele leia, sabendo que podem ser abertas inúmeras janelas de bate-papo, o que exige, ainda, uma leitura mais dinâmica e atenta de cada assunto.

As Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso (2010) apontam que:

Não se pode dizer, portanto, como é feito usualmente e com tanta convicção, que não há leitores. Os usuários dessas tecnologias têm que ativar em si a curiosidade e iniciativa de seguir instruções, de mexer nos aparelhos para descobrir-lhes as múltiplas funções, de colocar em ação conhecimentos os mais complexos e avançados da ciência eletrônica. (SEDUC, 2010, p.106)

Assim, temos uma leitura que consegue dialogar com os diversos mundos que habitam o universo do leitor, não se restringindo tão somente ao código escrito. Dando sequência às observações feitas, retomemos a análise da leitura no *Facebook*.

Figura 1- *Página do Facebook*





Na figura acima, a exemplo, temos três possibilidades de leitura: na 1 (primeira) relacionada ao bate-papo, pode-se exercitar não somente a leitura, mas a própria escrita. Ao usuário digitar uma mensagem, é acionada a leitura de mundo e os conhecimentos prévios, conforme nos afirma Kleiman (1989) e, ao receber a resposta, novamente se acionam esses conhecimentos, resultando numa atitude responsiva, como nos afirma Bakhtin:

[...] a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude **responsiva ativa** (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é preche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: [...] o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude **responsiva ativa**: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar. (grifos nossos). (BAKHTIN, 1992, p. 290),

No ponto 2 da imagem (tela do Facebook), temos as postagens de outros usuários, que são *linkados*⁵ e o leitor poderá expandir a imagem, clicando sobre ela e abrindo texto/imagem. No ponto 3, abre-se a possibilidade dos hiperlinks, ou seja, propagandas ,que, caso haja interesse na leitura, clicando, o leitor será direcionado para outro sítio (o da propaganda), exigindo novas leituras. Ainda é preciso deixar claro que, dentro desse espaço, a leitura ocorre de forma não linear, uma vez que se pode clicar em diferentes *links*, autônoma e independentemente.

Na segunda imagem, temos o *Jogo Need for Speed the Run* que consiste em um jogo de corrida automobilística, cujo objetivo é ultrapassar os adversários e vencer o jogo, sendo o mais veloz.

⁵ O termo *link* significa a conexão entre documentos via internet; apropriamo-nos do conceito, neologicamente, tentando demonstrar que é possível acessar inúmeros documentos em uma mesma página.



Figura 2- Jogo *Need for Speed the Run* (Mais velocidade para corrida)



Como podemos perceber no *print* da tela de jogo, vemos “um pequeno manual” sobre seus comandos e objetivos, bem como os ícones que aparecerão durante o jogo. Nesse sentido, para que qualquer jogador possa iniciar a diversão, ele terá que ler essas instruções, ou seja, antes de ser jogador, ele necessitará ser leitor.

Figura 3- Design dos carros



A escrita na tela exige uma nova postura de leitura, mais dinâmica e mais processual.



A leitura dentro do âmbito multimodal, exige muito mais do que ler o código escrito, visto que se imbricam nele a leitura de imagens, ícones, sons, animação e símbolos que serão necessários para compreensão do texto, neste caso, do jogo em si.

O adolescente encontra-se inserido no universo da cibercultura, por isso, pensar um artigo produzido conjuntamente com um jovem-concluente do ensino médio integrado em Manutenção e Suporte em Informática tornou-se, por um lado, atrativo e necessário e, por outro, intrigante, pois o *alone/author* conhece da configuração dos sistemas de informática, *corpus* deste trabalho, e possui conhecimentos e competências leitoras desse novo cenário, que vão muito além da leitura linear, pois o modo como se encara a leitura na cibercultura é dinâmico, aberto e não linear. A cibercultura exige que o leitor saiba clicar, arrastar, copiar, colar, abrir janelas, selecionar, compreender comandos, pesquisar, navegar e vaguear, entre outras opções, pelos sítios da internet.

Há que considerarmos ainda que existem dois modos de leitura no computador: a forma *on-line* e a *off-line*, sendo que sobre a primeira, o leitor tem mais possibilidades, uma vez que inúmeros *links* podem ser abertos. A grande maioria dos jogos, em especial os encontrados em *lan houses*, utilizam a forma *on-line*, estando interligados a outros jogadores também conectados, permitindo com isso uma maior integração de leitura. Nesse sentido, as Orientações Curriculares (2010) apontam que:

Nunca houve tanto contato transnacional, trocas extraordinárias de informações, registros de feitos, possibilidade de construir um canal próprio para expor trabalhos, opiniões, (*chats e blogs*), vistos por milhões de pessoas ao mesmo tempo, opinando, invadindo, destruindo e dialogando, em tempo real (...) qualquer pessoa, de qualquer lugar do mundo, pode interagir com outra, acessando dados (...). (2010, p. 106)

Assim, podemos considerar que a leitura ocorre em novos e diferentes portos e passagens. Não podemos mais acreditar que ela se realize, apenas, no âmbito do livro impresso, e, se pensássemos somente assim, estaríamos reduzindo a leitura a um único suporte e gênero.

Para tanto, mesmo não sendo esse o foco da pesquisa, a formação de leitores precisa ser repensada e ressignificada, uma vez que os promotores da leitura precisam, antes de



qualquer coisa, estar abertos a esses novos canais de comunicação, evitando os anacronismos e os velhos paradigmas e buscando um novo diálogo com os estudantes.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARROS, M. de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. **Alfabetizando sem o bà- bè-bi-bò-bu**. 1. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

CAMÕES, Luiz. **Os Lusíadas**. 2 ed. Cotia, São Paulo: Ateliê, 2001

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa Ferreira. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Faculdade Letras UFMG, 2005.

COSCARELLI, Carla Viana; NOVAIS, Ana Elisa. Leitura: um processo cada vez mais complexo. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul. /set. 2010. GEE, James Paul. What video games have to teach us about learning and literacy. New York, Palgrave Macmillan, 2004.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana M. Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: LePM, 1989

GALVAO, Izabel. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon, 2003. In: CECCANTINI, João Luis, SANTOS, Fabiano dos, MARQUES NETO, José Castilho, RÖSING, Tânia M.K. (orgs). **Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura**. São Paulo: Global, 2009.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, S. Paulo: Pontes,



1989.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

_____. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**. 7 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982

LEFFA, Vilson et al. **Quando jogar é aprender: o videogame na sala de aula**. Rev. Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 209-230, jan./jun. 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEWIS, C.S. **Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa**. São Paulo: Editora ABU, 1982.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19a ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

NEVES, Tereza Cristina Fagundes. **Virtualização e processo educativo: a tecnologia a serviço da aprendizagem**. (s.d.) Disponível em <<http://www.se.pjf.mg.gov.br/escolas/colette/artigos/artigo1.doc>> Acesso em: 15 jul. 2008.

PAIVA, A, MARTINS, A, PAULINO, G. e VERSIANI, Z. (orgs.). **Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PAPERT, Seymour. (1993) **A Máquina das Crianças: Repensando a Escola na Era da Informática**. Ed. rev. Porto Alegre, Artes Médicas, 2008.

RIBEIRO, Andréa Lourdes. O papel da escola básica como agência promotora do letramento digital. IN: **Revista E-hum**, Belo Horizonte, vol.3, no.1, 2010. Disponível em <revistas.unibh.br/dchla/include/getdoc.php?id=182&article=55> Acesso em: 16 mai. 2011.

SEDUC. **Orientações Curriculares para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso**. Área de Linguagens. Cuiabá, 2010.

SILVA, H. et al. Inclusão digital e educação para competência informacional: uma questão de ética e cidadania. In: **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.34, n.1, p.28- 36, jan./abr.2005.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v.23, n.81, p.143-160, dez. 2002.

SLATIN, J. Reading Hypertext: Order and coherence in a New Medium. In LANDOW, G. P. Y DELANY, P. (Eds.): **Hypermedia and Literary Studies**, Massachusetts: MIP Press, 1991